

Grupo de Orientação Familiar: Avaliação Processual do Programa por meio das Tarefas de Casa

Bruna de Lima Camelo¹

Psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Especialista em Oncologia pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), Rio de Janeiro.
✉ psicologa.brunalima@gmail.com

Jennifer Pires da Silva

Psicóloga e Mestre em Psicologia Social (UERJ), Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental na Infância e Adolescência (CBI of Miami), Rio de Janeiro
✉ jenniferpsilva@gmail.com

Patricia Lorena Quiterio

Psicóloga, Pedagoga, Pós-doutorado em Psicologia (UFSCar). Professora Associada do Instituto de Psicologia (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ, Rio de Janeiro
✉ patricialorenauerj@gmail.com

Recebido em 21 de dezembro de 2021

Aceito em 30 de maio de 2024

Resumo:

A técnica tarefa de casa é uma ferramenta considerada como um fator fundamental na prática de habilidades desenvolvidas na intervenção terapêutica. O presente estudo analisa o uso da técnica de avaliação processual – tarefa de casa –, oriunda da Terapia Cognitivo Comportamental, como fator de apoio para mudanças e/ou para o desenvolvimento de práticas parentais adequadas e habilidades sociais educativas parentais. A estratégia foi utilizada no Grupo de Orientação Familiar desenvolvido em um Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade pública do Estado do Rio de Janeiro. O grupo foi composto por 07 familiares (com idades entre 20 e 47 anos), contando com quinze (15) encontros, cada um com um tema específico. Os instrumentos utilizados para a avaliação processual do programa foram: (a) Breve roteiro de entrevista semiestruturada, (b) Tarefas de casa, (c) Protocolo de Avaliação do Processo e (d) Supervisão de estágio. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados encontrados revelaram que as tarefas de casa são ferramentas positivas no desenvolvimento e no aprimoramento de práticas parentais e de habilidades sociais educativas parentais dos participantes. Concluiu-se que o uso da estratégia tarefa de casa contribuiu para proporcionar a prática das habilidades parentais abordadas durante o programa.

Palavras-chave: Família, tarefa de casa, terapia cognitivo-comportamental, avaliação de processo.

Family Orientation Group: Procedural Evaluation of the Program Through Homework

Abstract:

The Homework technique is considered a key factor in practicing skills developed in therapeutic intervention. The present study analyzes the use of the procedural assessment technique - homework-, derived from Cognitive Behavioral Therapy, as a support factor for changes and / or

¹ Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia (2019) da primeira autora, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação da terceira autora.

development of appropriate parenting practices and parenting educational social skills. The strategy was used in a Family Guidance Program, applied in an Applied Psychology Service of a public university in the state of Rio de Janeiro. The group was composed of seven relatives (between 20 and 47 years old), and counted with 15 sessions, each one about a specific theme. The instruments applied for process evaluation were: (a) Brief semi-structured interview at the moment of subscription for the program; (b) Homework assignments; (c) Process Evaluation Protocol and (d) Internship supervision. Results showed that homework assignments are positive tools in the development and enhancement of participants' parental practices and parental social educational skills. It was concluded that the use of the homework strategy contributed to the practice of parental skills mentioned during the program.

Keywords: Family, homework, cognitive-behavioral therapy, process evaluation.

Grupo de Orientación Familiar: Evaluación del Procedimiento del Programa através de la Tarea para Casa

Resumen:

La tarea es una herramienta considerada factor fundamental en la práctica de las habilidades desarrolladas en la intervención terapéutica. Este estudio analiza el uso de la técnica de evaluación procedimental - deberes -, derivada de la Terapia Cognitivo-Conductual, como factor de apoyo para cambios y / o al desarrollo de prácticas parentales adecuadas y habilidades sociales educativas parentales. La estrategia fue utilizada en el Grupo de Orientación Familiar desarrollado en un Servicio de Psicología Aplicada de una universidad pública del Estado de Río de Janeiro. El grupo estuvo compuesto por 07 familiares (de entre 20 y 47 años), con quince (15) reuniones, cada una con un tema específico. Los instrumentos utilizados para la evaluación procedimental del programa fueron: (a) Breve guión de entrevista semiestructurada (b) tarea, (c) Protocolo de evaluación de procesos y (d) la supervisión de las prácticas. Los datos se analizaron mediante análisis de contenido. Los resultados encontrados revelaron que la tarea es una herramienta positiva en el desarrollo y mejora de las prácticas parentales y las habilidades sociales educativas parentales de los participantes. Se concluyó que el uso de la estrategia de tarea contribuyó a brindar la práctica de las habilidades parentales abordadas durante el programa.

Palabras clave: Familia, tarea, terapia cognitivo-conductual, evaluación de procesos.

INTRODUÇÃO

A tarefa de casa constitui-se parte integrante da Terapia Cognitivo Comportamental, seja em grupo ou individual. A literatura é notória em identificar a importância de tarefas de casa que permitam aplicabilidade no cotidiano, bem como participação ativa do indivíduo no plano de tratamento (BECK, 2013; BRANDTNER e SERRALTA, 2016; DANKO *et al.*, 2016; WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2011; WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

De acordo com Beck (2013), as tarefas de casa também podem ser chamadas de plano de ação. Como abordam Wright, Basco e Thase (2008), funcionam como uma ponte entre as sessões terapêuticas, sendo sua função mais importante o desenvolvimento de habilidades, que possam ser generalizadas para outros contextos. Quando bem aplicadas, é possível sua revisão, a fim de retomar aspectos relevantes com o indivíduo e, assim, reforçar o processo

de aprendizagem. Quando a realização da tarefa de casa não ocorre, cabe a investigação dos motivos, os quais podem significar barreiras existentes entre o cliente e o que foi pedido, resistência ao processo terapêutico, falta de organização e disposição do cliente ou problemas com a técnica do terapeuta – explicação insuficiente, tarefa extremamente desafiadora ou fácil, falta de revisão ou falta de colaboração em sua decisão (BECK, 2013).

Nesse sentido, destaca-se a aplicabilidade da tarefa de casa nos programas de intervenção em grupos, pois possibilita o monitoramento do processo de orientação e que os participantes compartilhem das mesmas dificuldades e alternativas para o enfrentamento das situações (CHACKO *et al.*, 2013; CIZIL e BELUCO, 2019; LOIOLA, 2020; NEUFELD *et al.*, 2017). Diante dessa constatação, estudos de intervenção em grupo com pais de crianças e adolescentes (QUITÉRIO *et al.*, 2021; CLARK *et al.*, 2015; DANKO *et al.*, 2016; KANAMOTA; BOLSONI-SILVA; KANAMOTA, 2017; ROS; GRAZIANO; HART, 2017; WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006), como os relacionados à promoção das Habilidades Sociais Educativas (HSE) e das práticas parentais, têm sido desenvolvidos, incluindo a tarefa de casa como parte importante da intervenção em grupo – desde o seu planejamento, atribuição para o grupo e revisão da tarefa na sessão seguinte.

Segundo Del Prette e Del Prette (2017), as HSE visam promover resultados adequados quanto às demandas sociais. Mediante isso, as habilidades sociais no ambiente familiar – Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) – são entendidas como comportamentos dos pais que promovem a interação positiva com os filhos, reforçando seus comportamentos adequados (KANAMOTA; BOLSONI-SILVA; KANAMOTA, 2017). Ainda nesse contexto, destacam-se as práticas parentais, que são estratégias utilizadas pelos familiares para potencializar comportamentos desejáveis e suprimir os indesejáveis para o desenvolvimento saudável infantil (QUITÉRIO *et al.*, 2021).

A família é o primeiro contexto social em que é possível elaborar e aprimorar o aprendizado sobre resolução de conflitos e competências emocionais (NELSEN, 2015). Somado a isso, Alvarenga, Weber e Bolsoni-Silva (2016) destacam características comportamentais dos pais que podem favorecer ou prejudicar o desenvolvimento socioemocional infantil, a saber: responsividade sensível, cuidados parentais e tipologia dos estilos parentais. Tal fato motiva a criação de programas de intervenção familiar que visem promover o aperfeiçoamento ou o desenvolvimento de um repertório adequado de HSE-P e de práticas parentais, indicadas nos

estudos científicos como mais adaptativas quanto à influência no desenvolvimento infantojuvenil.

Intervenções com familiares de crianças com problemas de comportamento, incluindo tarefas de casa como um instrumento de avaliação processual, indicam melhoras nas HSE-P dos participantes, como redução e/ou prevenção de comportamentos inadequados em seus filhos, além de melhoria nas relações familiares (CIA e BARHAM, 2013; KANAMOTA; BOLSONI-SILVA; KANAMOTA, 2017). O relatório sobre intervenções de educação parental produzido por Abreu-Lima *et al.* (2010) fornece significativa contribuição sobre os benefícios do funcionamento grupal e do uso da técnica tarefa de casa como um item de avaliação, além de propor outras recomendações para intervenções futuras, tais como: (a) educação parental para famílias em situação de baixo risco psicossocial e programas de intervenção familiar em formato mais intenso junto às famílias em situação de risco médio ou elevado; (b) estruturação da intervenção com uso de metodologias previamente definidas, incluindo a avaliação contínua do programa, (c) indicação de intervenções grupais, (d) condições para implementação, adesão e continuidade dos familiares nas intervenções, incluindo recursos financeiros, (e) importância do papel da supervisão e da formação prévia para o desenvolvimento da intervenção, e (f) fortalecimento da rede de apoio.

Em âmbito nacional, Weber, Brandenburg e Salvador (2006) desenvolveram o programa Promoção da Qualidade de Interação Familiar (PQIF) com o objetivo de capacitar os pais em relação às práticas parentais. Os dados quantitativos revelaram alta satisfação com o programa, visto que 91,2% dos participantes consideraram o curso ótimo diante de suas expectativas. A análise qualitativa demonstrou que os participantes passaram por um processo de autoconhecimento. A inclusão das tarefas de casa na estrutura do PQIF contribuiu para que o programa atingisse seus objetivos.

Kanamota, Bolsoni-Silva e Kanamota (2017) elaboraram o programa Promove-pais aplicado em sessões individuais de psicoterapia com três cuidadoras de adolescentes. As autoras destacam que as tarefas de casa eram elaboradas a partir da análise funcional das estratégias utilizadas na intervenção. Desse modo, o retorno das tarefas ocorria nos minutos iniciais de cada sessão, propiciando a avaliação da sua ocorrência, das dificuldades e dos resultados obtidos por meio da tarefa de casa, possibilitando a análise funcional e o treino do repertório habilidoso das cuidadoras na interação com os adolescentes.

QUITÉRIO *et al.* (2021) implementaram o Grupo de Orientação Familiar (GOF) com objetivo de promover as práticas parentais e as HSE-P e prevenir problemas de comportamento. A intervenção baseou-se no estudo de Weber, Salvador e Brandenburg (2011), acrescida de oficinas de regras, estabelecimento da rotina e orientação da estratégia de economia de fichas – originando tarefas de casa interativas. O GOF teve sete participantes e os resultados revelaram efeito positivo na qualidade da interação familiar, principalmente no fator relacionado à comunicação. Os resultados do processo por meio das tarefas de casa indicaram estabelecimento de regras mais claras e demonstração de afeto na relação pais-filhos.

No contexto internacional, Clark *et al.* (2015) demonstram que pais que se envolvem mais assiduamente nos treinamentos parentais, tanto em relação a frequência e empenho, quanto na execução das tarefas de casa, têm maior aproveitamento dessas intervenções. Nesse sentido, Danko *et al.* (2016) pontuam que a realização das tarefas é indicativo de dedicação ao tratamento, que, por sua vez, é preditor de melhores resultados, como a implementação de um novo repertório de comportamentos benéficos à dinâmica familiar e à fixação de conteúdos aprendidos nos grupos. Do mesmo modo, Ros *et al.* (2017) relataram que a realização da tarefa de casa por parte das mães associa-se a menos relatos de problemas de comportamento dos filhos, além de redução do estresse parental.

O estudo conduzido por Chacko *et al.* (2013) com 80 mães buscou compreender as razões pelas quais as tarefas de casa em uma intervenção para pais não são realizadas apropriadamente. Os motivos estão relacionados à falta de tempo, esquecimento ou dificuldades na implementação da atividade, baixa percepção de custo/benefício na realização da tarefa e a não concordância com o exercício proposto. Os resultados ressaltam a importância do desenvolvimento de tarefas de casa relacionadas a avaliação das necessidades e que sejam percebidas pelos participantes como eficazes e viáveis.

Burgdof, Szabó e Abbott (2019), em revisão sistemática e meta-análise com 24 estudos, concluem que a deficiência na descrição metodológica e informações limitadas sobre a adesão ao programa de orientação familiar, conclusão das tarefas de casa e formação dos facilitadores, influenciam na análise da intervenção. Outro estudo de revisão sistemática e meta-análise, desenvolvido por Havinga *et al.* (2021), identificou 22 artigos, sendo que somente três estudos descrevem as tarefas de casa utilizadas na intervenção. Os autores

ressaltam a importância do detalhamento dos procedimentos metodológicos para possibilitar a replicação dos estudos.

Sendo assim, pesquisas indicam que, quando aplicadas a grupos de intervenção, tarefas de casa apresentam importante papel no processo de aprendizagem, incentivando a aplicação das habilidades desenvolvidas nos encontros a outros ambientes, bem como possibilitando avaliação da efetividade destes grupos, em que se verificam os progressos e as dificuldades dos participantes (CIZIL e BELUCO, 2019; ROS *et al.*, 2017; STOKES *et al.*, 2016). Danko *et al.* (2016) observam que o maior engajamento dos pais na realização das tarefas de casa está relacionado à maior satisfação com a intervenção. Além disso, essa ferramenta permite analisar a assiduidade dos participantes, suas dificuldades em realizar as atividades propostas e, conseqüentemente, a participação ativa na intervenção. Tendo como base a implementação de um GOF conduzido em uma universidade pública do Rio de Janeiro, o presente trabalho analisa o uso da técnica de avaliação processual – tarefa de casa –, oriunda da Terapia Cognitivo Comportamental, como fator de apoio para mudanças e/ou desenvolvimento de práticas parentais adequadas e habilidades sociais educativas parentais.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes: O estudo configurou-se como uma pesquisa exploratória e metodologia de análise qualitativa. A amostra foi aleatória e os critérios de inclusão foram: pertencer à população não clínica e ter filho(s) na infância ou adolescência. Participaram sete familiares (1 tia, 4 mães e 2 pais) com faixa etária entre 20 e 47 anos ($M = 36,43$; $dp = 9,41$), sendo uma família monoparental e as demais com configuração nuclear. A classificação socioeconômica média teve prevalência na faixa B2 (42,8%) e a concentração de escolaridade encontrava-se no nível superior incompleto (57,1%), sendo P1 e P5 universitárias, P2 contadora, P3 bióloga, P4 diarista, P6 técnico em informática e P7 funcionário público.

Instrumentos: (1) Breve roteiro de entrevista semiestruturada. Instrumento baseado no PQIF (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2011). Tem por objetivo identificar as práticas educativas dos participantes e auxiliar na elaboração das tarefas de casa. Foi aplicado no

momento de inscrição e apresenta itens como: “o que espera deste grupo?” e “qual a maior dificuldade para educar os filhos?”.

(2) Tarefas de casa. Técnica da terapia cognitivo comportamental que objetiva promover mudanças no repertório de habilidades dos indivíduos e a generalização para outros ambientes (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008). As tarefas de casa do GOF inspiraram-se no PQIF (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2011), no portfólio de HSE-P (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2017) e nas supervisões realizadas em equipe, conforme descrição do Quadro 1 (página seguinte).

(3) Protocolo de Avaliação do Processo (PAPr). Desenvolvido por Murta (2017), foi adaptado para o grupo em estudo. O instrumento foi preenchido por dois estagiários (observadores) em cada encontro de intervenção a partir dos itens: (i) fidelidade ao planejamento do encontro; (ii) desempenho do facilitador; (iii) checklist das metas intermediárias; (iv) outros desempenhos do facilitador; (v) indicadores de apego dos familiares em relação aos facilitadores; (vi) adesão do familiar e, (vii) fatos relevantes. A adaptação realizada contou com a inserção dos itens: (viii) relatório descritivo da sessão; (ix) impressões do observador e, (x) relato geral do grupo. Tal adaptação contribuiu para coletar informações sobre participação, desempenho e relatos de dificuldades e progressos dos familiares. Para o presente estudo, foi realizada a análise dos itens descritivos (vii), (viii), (ix) e (x), referente às observações sobre as tarefas de casa que eram atribuídas no final do encontro. A revisão destas tarefas ocorria no momento inicial da sessão seguinte.

(4) Supervisão de Estágio em Psicologia. Encontros semanais, conduzidos pela terceira autora – docente e supervisora no Instituto de Psicologia, nos quais elaborava-se a estrutura da intervenção, incluindo a definição da metodologia. Além disso, ocorria elaboração, planejamento, atribuição e acompanhamento das tarefas de casa enquanto avaliação processual do GOF por meio das temáticas de cada encontro, das análises do roteiro de entrevista, do PAPr e da revisão da tarefa de casa.

Quadro 1 – Relação das tarefas de casa por encontro

Tema de cada encontro com as habilidades	Tarefas de Casa (TC)
Princípios de aprendizagem (1 encontro) Identificar o comportamento indesejável.	TC1: Anote ou desenhe três regras que seus filhos normalmente desobedecem.
Relacionamento afetivo e envolvimento (2 encontros) Avaliar o desempenho e consequenciar o comportamento indesejável. Expressar afeto para o(s) filho(s). Favorecer o diálogo.	TC2: Anote como você deu consequências para seu(s) filho(s) depois de ele ter se comportado mal, e como ele reagiu diante de sua atitude. TC3: Expresse o seu amor artisticamente para o(s) seu(s) filho(s) (produza conteúdo para cada um individualmente em caso de mais de um filho).
Regras e limites (3 encontros) Observar e identificar comportamentos e reações. Estabelecer e monitorar regras claras, coerentes e consistentes. Utilizar técnicas de manejo comportamental. Observar e identificar comportamentos desejáveis.	TC4: Observe e anote algumas ocasiões em que você conseguiu determinar e falar regras importantes de forma clara e coerente, cumprindo com a consequência combinada. E reflita se foi fácil ou difícil e como foi a reação do seu filho. TC5: Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera adequados.
Consequências para comportamentos adequados (3 encontros) Observar e identificar comportamentos e reações. Incentivar o reforço a comportamentos adequados. Identificar comportamentos indesejáveis.	TC6: Anote por dois dias (no mínimo) quantas vezes você “reforçou” comportamentos adequados de seu(s) filho(s), e como o fez. Observe como foi a reação dele(s). TC7: Observe e anote seis comportamentos de cada filho que você considera inadequados.
Consequências para comportamentos inadequados (2 encontros) Incentivar a demonstração, de forma concreta, de afeto no ambiente familiar.	TC8: Observe e anote de que forma você tem demonstrado afeto pelo(s) seu(s) filho(s).
Voltando no tempo (1 encontro) Incentivar o autoconhecimento e a empatia.	TC9: Anote três características de seus filhos que você percebe em si mesmo.
Autoconhecimento e modelo (1 encontro) Avaliar e questionar o próprio desempenho. Incentivar o autoconhecimento. Desenvolver a habilidade de solução de problemas interpessoais.	TC10: Anote um dos seus comportamentos que gostaria de mudar. TC11: Anote, durante a semana, quantas vezes você emitiu este comportamento. Apresente alternativas, ou seja, como poderia ter agido em cada situação.
Revisão e encerramento (1 encontro) Ampliar conhecimentos sobre as HSEP	TC12: Leitura da cartilha informativa “Orientação para pais e mães”.

Fonte: arquivo pessoal da terceira autora.

Procedimentos: O estudo está de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa de uma Instituição de Ensino Superior (CAEE: OCULTADO). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Compromisso (TC) para a pesquisa, se comprometendo a não divulgar fotos, áudios ou qualquer forma de registro realizado nos encontros do GOF.

Coleta de dados: O presente estudo foi desenvolvido a partir de um GOF no Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade pública do Rio de Janeiro. A divulgação ocorreu por meio de redes sociais relacionadas ao Instituto de Psicologia e por cartazes fixados no campus da Universidade e escolas da rede pública de ensino. Os interessados compareceram nos dias de inscrições. A intervenção foi conduzida em cada encontro por quatro estagiários de Psicologia, sob supervisão da terceira autora, sendo dois responsáveis por conduzir as atividades, enquanto os outros ficavam como observadores. A dinâmica de acompanhamento das tarefas de casa ocorria ao final de cada encontro, quando os familiares recebiam as tarefas de casa (Quadro 1) e as devolviam no encontro seguinte. O procedimento adotado para retorno aos familiares consistia na leitura, por parte dos estagiários, das tarefas dos familiares, a partir da qual formulavam um comentário que, após revisão da supervisora, era entregue aos participantes. Deste modo, as tarefas foram recebidas e comentadas pelos/as estagiários/as, a fim de acompanhar os progressos e dificuldades dos participantes, bem como fornecer assistência no uso de técnicas e novas ferramentas na dinâmica familiar.

Análise de dados: Os instrumentos foram avaliados a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Essa análise foi realizada em cada instrumento utilizado no GOF para avaliar a confiabilidade pelo critério de equivalência, isto é, a concordância entre os dois estagiários, sendo que aqueles itens que não obtiveram consenso foram discutidos em reunião presencial. Estabeleceu-se o índice de consenso entre os dois observadores de $\geq 80\%$ para cada categoria. Inicialmente, procedeu-se a transcrição das respostas das tarefas de casa. A primeira fase, pré-análise, envolveu a leitura flutuante, na qual ocorre o primeiro contato com os escritos. Na segunda fase, exploração do material, foram escolhidas as unidades de codificação – recorte, enumeração e a escolha das categorias – e, por fim, na terceira fase, tratamento dos resultados, reavaliou-se as categorias da análise (BARDIN, 2011). Utilizou-se análises estatísticas descritivas em percentual juntamente a análise de conteúdo. Ressalta-se que

houve treinamento dos estagiários da pesquisa, realizado pela terceira autora, e que as categorias foram discutidas em supervisões do grupo de pesquisa.

1. Breve roteiro de entrevista semiestruturada. As respostas foram sistematizadas em eixos temáticos voltados para as demandas dos familiares: aprendizado de métodos e técnicas educativas; expectativa da troca de experiências com outros pais; comunicação entre pais e filhos; estabelecimento de regras e limites; divergência de opiniões entre pai e mãe; teimosia e desobediência dos filhos às ordens dos pais.

2. Tarefas de casa. Após os procedimentos de análise descritos, os conteúdos foram organizados em categorias temáticas (BARDIN, 2011): demonstração de afeto, identificação de comportamentos dos filhos, aplicação de consequências, estabelecimento de combinados, reforço positivo e autorreflexão. As respostas dos participantes foram analisadas, em sua integralidade, a partir da extração de dados importantes que indicavam dificuldades, mudanças ou aprimoramento em suas práticas parentais e HSE-P.

3. Protocolo de Avaliação do Processo (PAPr). A cada encontro, o PAPr era preenchido por dois estagiários designados por esquema de rodízio. Foi realizada a análise das falas dos participantes, objetivando resgatar informações relevantes sobre a realização das tarefas de casa. Para tanto, foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) que originou as seguintes categorias de análise: engajamento na realização da tarefa de casa, dificuldades na realização da tarefa de casa e revisão da tarefa de casa.

4. Supervisão de Estágio em Psicologia. O uso da tarefa de casa, como avaliação processual, teve o seguinte delineamento por meio da supervisão: (a) Atribuição da tarefa de casa por meio de sua elaboração a partir do tema de cada encontro, das análises do roteiro de entrevista, do PAPr e da revisão da tarefa de casa; (b) Monitoramento da tarefa de casa, via aplicativo de celular; utilizando o envio de lembretes para realização da atividade, (c) Devolutiva da tarefa de casa com elogio e feedback e (d) Análise das respostas da tarefa de casa enquanto instrumento de avaliação processual durante a intervenção e uso dessa análise no planejamento das sessões.

RESULTADOS

Os achados são apresentados e discutidos quanto às: (a) categorias de análise de conteúdo com a frequência relativa percentual a partir do breve roteiro de entrevista semiestruturada, que contribuíram para a elaboração das tarefas de casa, (b) categorias de análise de conteúdo das tarefas de casa com a frequência relativa percentual possibilitando uma investigação sobre sua contribuição como avaliação processual do GOF, (c) categorias de análise de conteúdo dos itens do PAPr voltados para as percepções dos participantes quanto à tarefa de casa e (d) frequência relativa percentual dos tipos de tarefas de casa planejadas na supervisão de estágio.

Em relação ao Breve roteiro de entrevista semiestruturada, as respostas dos familiares foram analisadas antes do desenvolvimento do programa. Para a subcategoria aprendizado advinda pela pergunta: “o que você espera deste curso”, 71% dos familiares expressaram o desejo de se beneficiarem com o conhecimento de métodos e técnicas educativas. Em relação a subcategoria expectativa, 29% dos familiares sinalizaram viabilidade da troca de experiências com outros pais. A pergunta “qual a maior dificuldade para educar os filhos”, originou três subcategorias, em ordem decrescente: comunicação entre pais e filhos (57%), estabelecimento de regras e limites (43%) e divergência de opiniões entre cuidadores (28%). E a pergunta “quais comportamentos esperam mudar nos filhos”, justifica a sexta subcategoria – teimosia e desobediência dos filhos às ordens dos pais, citada em 57% das respostas.

No que se refere às Tarefas de casa, as respostas dos familiares eram analisadas e novas atividades poderiam ser acrescentadas ao planejamento da intervenção. Os momentos iniciais eram utilizados para a devolutiva individual por escrito aos participantes e a última parte para a explicação da próxima tarefa de casa. As doze tarefas de casa foram categorizadas. Na primeira categoria do item Demonstração de afeto/carinho, as respostas mais evocadas (83%) foram sobre confeccionar presentes, proporcionar contato físico e passar tempo juntos. Consistiam em realizar lista de atividades que gerassem um clima mais agradável na família, como exemplificam as respostas dos participantes P2: “escrever bilhetes juntos”; P3: “ouvi-lo mais”; P4: “sempre dizer que os amo”; P5: “ele participar das minhas atividades”; P6: “cantar e dançar com as crianças” e P7: “assistir filmes com ele, que ele escolher”. E, também, mais ao longo do programa, anotar como estava demonstrando afeto

às crianças, como relatam P5: “vendo desenhos com ele [...] contando como foi meu dia e ouvindo como foi o dia dele” e P6: “frases como, te amo, você é muito importante para mim”.

A segunda categoria, intitulada Identificação de comportamentos dos filhos, coletou comportamentos das crianças que os familiares considerassem desejáveis, indesejáveis e que desrespeitassem as regras. A maioria das respostas falava sobre o não cumprimento de rotina doméstica e escolar (42%). Sobre os comportamentos desejáveis, algumas respostas foram: “divide quando é solicitado” (P6) e “arrumar roupas na gaveta” (P5). Sobre as regras, a maior evocação (42%) foi sobre o cumprimento ou não das tarefas, organização e higiene (P2: “tomar banho no horário”; P3: “horário de dormir”; P4: “não faz o trabalho que é passado em aula”). Com relação aos comportamentos indesejáveis, a maior porcentagem (46%) correspondeu a comportamentos como pular no sofá, não fechar a geladeira, comprar algo na rua, bem como em relação às reações não habilidosas ao lidar com a espera e a frustração, como “não me deixa conversar com as pessoas”; “chora por coisas bobas” (P5); “agressividade ao se sentir contrariado” (P6); “só cumprir as regras se mandar” (P7).

A terceira categoria relaciona-se à aplicação de consequências, incluindo a reação dos filhos diante desta prática parental. No início do grupo, a maioria das respostas (95%) foi referente a punições como bater e gritar, como sugere a resposta “gritei e coloquei ele de castigo em seu quarto” (P7), além de consequências fora do contexto do comportamento ou com tempo excessivo, apresentado como “não cumpriu a regra de arrumar o quarto. Em consequência, ficaria ‘sem’ brincar na próxima folga até que o arrumasse” (P6) e “ou fica sem assistir o desenho, sem mexer no *tablet*, não deixo ele brincar com o brinquedo” (P5).

No decorrer dos encontros houve aumento de respostas relacionadas a transmitir explicações e fornecer consequências lógicas ao comportamento inadequado, como relata o participante P3: “o filho mais novo ficou chateado porque não estava conseguindo passar de fase no jogo do computador. Foi quando ele deu um soco no monitor. Na hora pedi para ele sair do computador e sentar no sofá para se acalmar [...]. Quando ele se acalmou, disse que ele não iria mais jogar naquele dia e expliquei que se ele quebrasse o monitor todos não poderíamos mais utilizar o computador, incluindo ele, que não poderia jogar mais”.

No tocante a quarta categoria nomeada de Estabelecimento de combinados, a maior parte das respostas (78%) prezou o estabelecimento de combinados, destacando o exemplo de P6 quando relata “foi fácil explicar as regras quanto a ganhar doce após as refeições e a

brincar com os brinquedos. Às vezes em que ele não comeu comida ele não ganhou doce e reclamou, mas soube esperar até a próxima refeição; quanto a catar os brinquedos após brincar, foi um pouco mais difícil, houve procrastinação e reclamação, mas ele acabou guardando” e da participante P1 “como só vai brincar com os livros depois que guardar os brinquedos que não está mais usando”.

A quinta categoria Reforço positivo, analisa quantas vezes o familiar reforçou um comportamento adequado. Para estas tarefas, algumas respostas versaram sobre “tenho reforçado o comportamento deles com elogios e pequenas comemorações” (P1); “quando ele me ajuda com alguma tarefa doméstica, além de elogiar e agradecer dou muitos abraços e beijos também” (P5).

E, por fim, a sexta categoria Autorreflexão considerou as características comportamentais dos filhos e dos próprios responsáveis, como exemplifica essa resposta: “agressividade e falta de paciência com dificuldades cotidianas” (P6). No entanto, a maioria dos familiares acreditava possuir características habilidosas em comum com seus filhos, como por exemplo, “generosidade e altruísmo” (P6) e “carinhoso, bem-educado, pergunta as coisas que tem curiosidade e extrovertido” (P5), resultando em 58% das evocações.

No que concerne ao Protocolo de Avaliação do Processo (PAPr), a análise de conteúdo indicou três categorias relacionadas à tarefa de casa. A primeira categoria refere-se ao engajamento na realização da tarefa de casa – corresponde às características dos participantes, percebidas pelos estagiários no momento de retomada da tarefa de casa. Em todos os encontros foram observados comportamentos de engajamento, dedicação e confiança, como exemplifica a seguinte escrita de um dos observadores: “são pessoas participativas que estão sempre atentas e procuram expor experiências pessoais a fim de contribuir para a discussão e, também, numa tentativa de encontrar respostas para suas dúvidas”. É importante ressaltar que nos encontros de Regras e Limites o momento de revisar a tarefa de casa foi o de maior entrosamento do grupo e de trocas entre participantes, como relatam os observadores “os debates renderam bastante” e “todos participaram ativamente [...] compartilharam experiências pessoais, tiraram dúvidas e teceram comentários pertinentes a partir de relatos dos outros colegas”.

A segunda categoria refere-se às dificuldades na realização da tarefa de casa. Esta categoria foi observada em dois encontros – Relacionamento Afetivo e Envolvimento e

Consequências para Comportamentos Adequados. No encontro de relacionamento afetivo e envolvimento ressalta-se a observação “alguns (57%) relataram terem tido dificuldades com a tarefa, mas todos fizeram”. Do mesmo modo, no encontro de consequências para comportamentos desejáveis, um observador ressaltou que “não entenderam muito o dever passado”.

A terceira categoria, intitulada Revisão da tarefa de casa, investiga as atitudes dos participantes no momento de retorno da tarefa de casa. Foi observada em dois temas - Relacionamento Afetivo e Envolvimento e Consequências para Comportamentos Adequados - em que durante a revisão da tarefa de casa os participantes relatavam suas respostas e auxiliavam uns aos outros em suas questões, como relata P6: “durante a tarefa de casa eles participaram bastante dando relatos pessoais e auxiliando uns aos outros em questões que emergiram”.

E, por fim, a Supervisão de Estágio em Psicologia, ocorreu de forma contínua. Em relação a atribuição da tarefa de casa, os indicadores de processo mostraram que 100% das tarefas de casa foram planejadas de acordo com a demanda do grupo e foram organizadas em três tipos de propostas: autorregistro, presente em 38,5% das tarefas, tabelas e lista de tarefas em 38,5% e tarefas lúdicas preencheram 23% das tarefas. O monitoramento da tarefa de casa, via aplicativo de celular; foi considerado positivo pelos participantes. A devolutiva da tarefa de casa, possibilitou um *feedback* individual para cada família e a análise das respostas da tarefa de casa, durante a intervenção, possibilitou a revisão do planejamento das sessões.

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou analisar o uso da técnica de avaliação processual cognitivo-comportamental – tarefa de casa – como fator de apoio para mudança nas práticas parentais e habilidades sociais educativas. A avaliação processual do GOF, por meio dos quatro atributos utilizados no estudo: entrevistas, tarefas de casa, PAPr e supervisão, indicou mudanças positivas nas condutas comportamentais dos participantes, que podem favorecer a promoção de uma interação familiar acolhedora e, assim, provedora de um ambiente saudável ao desenvolvimento infantil. Tais resultados corroboram com a literatura sobre importância e

contribuição da tarefa de casa, enquanto técnica cognitivo-comportamental, em intervenções grupais e/ou terapêuticas, o que permite interpretar os resultados satisfatórios a partir de sua atividade colaborativa; autonomia do paciente; psicoeducação, atuação diretiva e outras características (BECK, 2013; CIZIL e BELUCO, 2019; DANKO *et al.*, 2016; LOIOLA, 2020; WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

O breve roteiro de entrevista semiestruturada contribuiu para avaliação das necessidades e indicou demandas dos participantes que foram acrescentadas ao planejamento inicial das tarefas de casa do GOF, tais como as atividades relacionadas ao aprendizado de técnicas para lidar com os comportamentos dos filhos, como a elaboração de regras. Chacko *et al.* (2013) e Abreu-Lima *et al.* (2010) destacam que as tarefas de casa devem relacionar-se às demandas dos familiares para favorecer o engajamento na realização das atividades e, conforme o PAPr, os participantes mostravam-se participativos ao relatar as tarefas de casa.

Os familiares, por meio deste roteiro, sinalizaram a necessidade de um espaço de troca e aprimoramento de práticas parentais e das HSE-P, destacando a importância do GOF ter o formato em grupo, conforme evidencia a literatura (ABREU-LIMA *et al.*, 2010; CIZIL e BELUCO, 2019; LOIOLA, 2020; NEUFELD *et al.*, 2017). A análise do PAPr constatou que a revisão da tarefa de casa propiciou este espaço, visto que os familiares traziam suas inquietações, experiências, dúvidas e avanços no convívio familiar (QUITÉRIO *et al.*, 2021). A necessidade de (re)estabelecer a comunicação entre pais e filhos também foi sinalizada e estimulada por meio da atribuição das tarefas de casa que incentivavam a demonstração do afeto e do diálogo. Esses achados corroboram com os estudos de Cia e Barham (2013) e Kanamota, Bolsoni-Silva e Kanamota (2017), os quais afirmam que intervenções com familiares, que incluem tarefas de casa, como instrumento de avaliação processual, indicam melhora nas relações familiares.

Em relação à categoria aplicação de consequências, observada nos registros das tarefas de casa, constatou-se que no início do programa os familiares utilizavam práticas parentais consideradas não adequadas, como bater e gritar. Porém, ao longo do processo em grupo, com orientações, exposições e vivências, os participantes passaram a fornecer respostas explicativas acerca das consequências lógicas iniciadas após comportamentos indesejáveis. Como resultado, os familiares empregavam as explicações coerentes como reforçadores de comportamentos adequados dos filhos e atuavam promovendo o aumento do sentimento de pertencimento à família, aspectos similares ao estudo de Ros *et al.* (2017).

Além disso, a categoria estabelecimento de combinados retrata que com o aprimoramento das práticas parentais e das HSE-P dos participantes, a maioria das respostas das tarefas de casa retratou a formulação de regras claras, objetivas e coerentes, contribuindo de forma positiva para um ambiente acolhedor e saudável. Assim, novas estratégias para desenvolver e/ou ampliar as práticas parentais e as HSE-P foram estimuladas por meio das tarefas de casa com o objetivo de proporcionar a prática de habilidades adquiridas e treinadas no programa de intervenção. De forma semelhante os estudos de Cia e Barham (2013) e Kanamota, Bolsoni-Silva, Kanamota (2017) destacam a importância da tarefa de casa no planejamento e desenvolvimento de intervenções voltadas aos familiares de crianças e adolescentes.

Evidencia-se, também, a autorreflexão dos participantes a fim de que identificassem características em comum entre si e seus/suas filhos/as. As características mais destacadas foram sobre qualidades como educação, gentileza e altruísmo, contrastando com as queixas comportamentais iniciais. Pode-se inferir que com a intervenção, os participantes tiveram o conhecimento acerca da influência da interação pais-filhos nos problemas de comportamento. Assim como nos estudos de Alvarenga, Weber, Bolsoni-Silva (2016), QUITÉRIO *et al.* (2021) e Weber, Brandenburg, Salvador (2006), os participantes tiveram a oportunidade de repensarem o processo de desenvolvimento infantil, aprendendo sobre a relação entre práticas parentais e comportamentos dos filhos, o que lhes tirou o demasiado foco dos comportamentos indesejáveis para as próprias atitudes enquanto cuidadores de crianças ou adolescentes.

Somado a isso, os resultados referentes à análise do PAPr contribuíram para o entendimento da contribuição da técnica tarefa de casa em grupos de intervenção aos moldes do GOF. Na categoria de engajamento, os participantes emitiram comportamentos de participação em todos os encontros, principalmente no tema de Regras e Limites, evidenciando dedicação e interesse em realizar as atividades propostas, troca de experiências entre participantes e uso do tempo para tirar dúvidas; o que de acordo com Neufeld *et al.* (2017), relaciona-se com a característica humana de buscar apoio em momentos de crise ou em processos de mudança.

Assim como analisam Clark *et al.* (2015), constatou-se o comprometimento dos participantes, que na maior parte dos encontros buscavam compartilhar experiências

passadas, expressar dúvidas e opiniões. Estes dados se relacionam com Weber, Brandenburg e Salvador (2006) e Kanamota, Bolsoni-Silva e Kanamota (2017) ao evidenciarem a importância de estudos com familiares, indicando a necessidade de ampliação de programas, principalmente por apresentarem resultados positivos no processo de desenvolvimento e aprimoramento das habilidades sociais, bem como na diminuição de problemas de comportamento.

Porém, apesar do engajamento dos responsáveis, a partir do terceiro tema – regras e limites – houve redução na realização das tarefas de casa. Segundo Beck (2013) e Chacko *et al.* (2013), tal fato pode ser resultante de diversos fatores. Especificamente a este grupo, a Universidade em que era sediado passava por uma crise de cunho político-econômico. Como alguns participantes eram funcionários ou estudantes da mesma, sofriam com os obstáculos gerados devido a interrupção do recebimento de salários. Abreu-Lima *et al.* (2010) ressaltam a importância das condições para implementação, adesão e continuidade dos familiares nas intervenções, incluindo recursos financeiros. Outros motivos também podem ter colaborado com estas dificuldades, como: receio de críticas, resistência à mudança, falta de organização do tempo ou outra situação. Dificuldades encontradas na realização das tarefas de casa podem contribuir para o entendimento de crenças dos participantes, bem como para reflexão, reformulação e investimento em novas formas de incentivar e contribuir com a compreensão da importância da atuação parental em futuros grupos.

Chacko *et al.* (2013) discutem a importância de novas ferramentas para o engajamento na realização das tarefas de casa. O estudo argumenta pelo uso de programas de computador como ferramenta promissora no processo de intervenção e tratamento. Uma alternativa apropriada ao atual cenário urbano foi o uso do *Whatsapp* como forma de lembrar aos participantes as datas e horários dos encontros, disponibilizar materiais utilizados e salientar a importância da realização das tarefas de casa. O uso do aplicativo contribuiu na adesão e empenho dos familiares, bem como funcionou como incentivo para a realização das tarefas de casa e no fortalecimento da rede de apoio, conforme destaca Abreu-Lima *et al.* (2010).

A categoria sobre as dificuldades dos participantes quanto à realização da tarefa de casa foi mais fortemente observada em dois encontros. Em consonância ao estudo de Chacko *et al.* (2013), os motivos citados para a não realização da tarefa envolveram a baixa compreensão das tarefas ou dificuldade em sua implementação. A partir desse relato, sugeri-

se, na supervisão, maior atenção dos facilitadores do grupo em explicar acerca da tarefa, bem como no decorrer da intervenção, o entrosamento satisfatório entre estagiários e participantes contribuiu para o desenvolvimento do senso de pertencimento e qualidade de relacionamentos dentro do grupo, conforme apresentado na literatura sobre o tema (ABREU-LIMA *et al.*, 2010; BURGDOF; SZABÓ; ABBOTT, 2019).

Em relação à categoria revisão da tarefa de casa, chama atenção o fato de ter sido mais evocada nos encontros de relacionamento afetivo e envolvimento e de consequências para comportamentos adequados, em tarefas de casa que abordavam sobre afeto e aplicação de consequências e limites. Enquanto na literatura há vasto conteúdo sobre a importância do amor incondicional frente aos comportamentos inadequados, no GOF pode-se observar a dificuldade em demonstrar o amor incondicional aos filhos (NELSEN, 2015; WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2011). Os familiares mostravam-se comprometidos a contribuir com o grupo ao compartilhar experiências e dificuldades, identificando práticas parentais efetivas e generalizando-as para outros contextos. Tais achados estão de acordo com o conceito e objetivo da técnica “tarefas de casa” (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008; STOKES *et al.*, 2016).

Verificou-se que o GOF, utilizando-se da técnica tarefa de casa, pode contribuir para o processo de autoconhecimento dos participantes e, assim, promover reflexão, desenvolvimento das HSE-P e mudança em parte das práticas parentais para mais adequadas ao desenvolvimento saudável dos seus filhos (CLARK *et al.*, 2015; ROS *et al.*, 2017). Os dados apresentados nesse estudo se relacionam com Kanamota, Bolsoni-Silva e Kanamota (2017) ao evidenciarem a importância de estudos com familiares, indicando a necessidade de ampliação de programas com essa característica, principalmente por apresentarem resultados positivos no processo de desenvolvimento e aprimoramento das habilidades sociais, bem como na diminuição de problemas de comportamento.

Os estudos de Burgdorf, Szabó e Abbott (2019) e Havinga *et al.* (2021) ressaltam a importância do detalhamento metodológico, incluindo informações sobre a atribuição e conclusão das tarefas de casa para possibilitar a replicação dos estudos. Nesse sentido, ao descrever o processo de construção e análise do uso da técnica de avaliação processual – tarefa de casa –, por meio da atribuição, monitoramento, devolutiva e análise das respostas em categorias, contribui-se com a estruturação do planejamento de grupos de orientação

familiar por meio de metodologias previamente definidas, incluindo a avaliação contínua do programa. Além de possibilitar o uso da tarefa de casa como técnica da abordagem TCC no desenvolvimento de programas de intervenção voltados para familiares.

Em relação à aplicabilidade da estratégia tarefa de casa no GOF, o retorno das tarefas de casa e as avaliações sugeriram resultados satisfatórios. Acerca do contexto em que a intervenção foi realizada, teve-se dificuldades por aspectos internos, como greve de professores e funcionários, além de aspectos externos, como segurança física em torno da Instituição de Ensino Superior. Apesar disso, os participantes esforçaram-se em custear a passagem por motivos de falta de pagamento aos funcionários públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indicadores de processo permitiram delinear aspectos positivos do estudo: (1) organização adequada das tarefas de casa; (2) uso do protocolo de avaliação que permitiu monitorar as dificuldades e necessidades de esclarecimento de algumas tarefas de casa; (3) retorno individual a cada participante durante a semana e retorno coletivo durante a intervenção; (4) uso do aplicativo como forma de monitoramento e incentivo à realização e entrega das tarefas de casa e, (5) compartilhamento de dificuldades em relação às HSE-P e práticas parentais diante do grupo.

O estudo apresentou dificuldades e limitações, como o uso de metodologia transversal, o número reduzido de participantes e necessidade de articulação com outras medidas de avaliação processual. Sugere-se que novos estudos realizem acompanhamento longitudinal para avaliar como os familiares estariam utilizando as práticas parentais ao longo do tempo, intervenções com atribuições das tarefas de casa tanto para os familiares quanto para as crianças/adolescentes para possibilitar um melhor acompanhamento da efetividade da estratégia de avaliação processual, bem como a ampliação do estudo por meio do grupo controle. Tais mudanças podem resultar em intervenções com maior efetividade em relação ao seu formato e procedimentos para aperfeiçoar as condições pertinentes à validade social.

REFERÊNCIAS

- ABREU-LIMA, I.; ALARCÃO, M.; ALMEIDA, A. T.; BRANDÃO, T.; CRUZ, O.; GASPAR, M. F.; SANTOS, M. R. **Avaliação de intervenções de educação parental: relatório 2007-2010**. Porto: FPCE, 2010. 112 p. Disponível em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF
- ALVARENGA, P. A.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016. Disponível em: doi.org/10.31505/rbtcc.v18i1.827.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2020. 229 p.
- BECK, J. **Terapia cognitivo-comportamental: Teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 413 p.
- BRANDTNER, M.; SERRALTA, F. B. Terapia Cognitivo-Comportamental para compras compulsivas: um estudo de caso sistemático. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 32, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/view/18042>.
- BURGDORF, V.; SZABÓ, M.; ABBOTT, M. J. The effect of mindfulness interventions for parents on parenting stress and youth psychological outcomes: a systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Psychology**, [s.l.], v. 10, p. 1336, 2019. Disponível em: doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01336.
- CIA, F.; BARHAM, E. J. Intervenção com pais: impactos em curto e longo prazo no comportamento infantil. **Psicologia Argumento**, [s.l.], v. 31, n. 73, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20021>.
- CIZIL, M. J.; BELUCO, A. C. R. As contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento da depressão. **REVISTA UNINGÁ**, [s.l.], v. 56, n. S1, p. 33-42, mar. 2019. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/88>.
- CHACKO, A.; ANDERSON, L.; WYMBBS, B.; WYMBBS, F. Parent-Endorsed reasons for not completing homework in group-based behavioural parent training for high-risk families of youth with ADHD. **Behaviour Change**, [s.l.], v. 30, n. 4, p. 262-272, 2013. Disponível em: doi.org/10.1017/bec.2013.25.
- CLARKE, A.; MARSHALL, S.; MAUTONE, J. A.; SOFFER, S. L.; JONES, H. A.; COSTIGAN, T. E.; PATTERSON, A.; JAWADA, F.; POWER, T. J. Parent attendance and homework adherence predict response to a family-school intervention for children with ADHD. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, [s.l.], v. 44, n. 1, p. 58-67, 2015. Disponível em: doi.org/10.1080/15374416.2013.794697.
- DANKO, C.; BROWN, T.; VAN SCHOICK, L.; BUDD, K. S. Predictors and correlates of homework completion and treatment outcomes in parent-child interaction therapy. **Child & Youth Care Forum**, [s.l.], v. 45, n. 3, p. 467-485, 2016. Disponível em: doi.org/10.1007/s10566-015-9339-5.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 252 p.
- HAVINGA, P.; MACIEJEWSKI, D. F.; HARTMAN, C. A.; HILLEGERS, M.H.; SCHOEVERS, R.A.; PENNINX, B.W. Prevention programmes for children of parents with a mood/anxiety disorder: systematic review of existing programmes and meta-analysis of their efficacy. **British Journal of Clinical Psychology**, [s.l.], v. 60, n. 2, p. 212-251, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bjc.12277>.
- KANAMOTA, P. F. C.; BOLSONI-SILVA, A. T.; KANAMOTA, J. S. V. Efeitos do programa Promove-Pais, uma terapia comportamental aplicada a cuidadoras de adolescentes com problemas de comportamento. **Acta Comportamental**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 197-214, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/179340>.

LOIOLA, G. M. Interfaces entre Avaliação neuropsicológica infantil e Terapia Cognitivo-Comportamental: contribuição para a prática clínica com crianças com TDAH. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, [s.l.], v. 5, n. 9, p. 378-399, 7 set. 2020. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pretextos/article/view/24408>.

MURTA, S. G. Aproximando ciência e comunidade: difusão de programas de habilidades sociais baseados em evidências. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (org.). **Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 83-114, 2017.

NELSEN, J. **Disciplina positiva**. 3.ed. São Paulo: Manole, 2015. 336 p.

NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; IVATIUK, A. L.; RANGÉ, B. Aspectos técnicos e o processo em TCCG. In: NEUFELD, C. B.; RANGÉ, B. (Orgs.), **Terapia Cognitivo-Comportamental em grupos: das evidências à prática**. Porto Alegre: Artmed, p. 59-93, 2017.

QUITERIO, P. L.; LEME, V. B. R.; CARMO, M. M. I. DO B.; PIRES, J.; CAMELO, B. S. Programa de Orientação Familiar desenvolvido no Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade pública. **Psicologia Clínica**, [s.l.], v. 33, n. 1, p. 119-139, 2021. Disponível em: doi: 10.33208/PC1980-5438v0033n01A06.

ROS, R.; GRAZIANO, P.; HART, K. C. Parental homework completion and treatment knowledge during group parent-child interaction therapy. **Journal of Early Intervention**, [s.l.], v. 39, n. 4, p. 299-320, 2017. Disponível em: doi.org/10.1177/1053815117718491.

STOKES, J. O.; JENT, J. F.; WEINSTEIN, J. A.; DAVIS, E. M.; BROWN, T. M.; Cruz, L.; WAVERING, H. Does practice make perfect? The relationship between self-reported treatment homework completion and parental skill acquisition and child behaviors. **Behavior Therapy**, [s.l.], v. 47, n. 4, p. 538-549, 2016. Disponível em: doi.org/10.1016/j.beth.2016.04.004.

WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; SALVADOR, A. P. V. Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF): orientação e treinamento para pais. **Psico**, [s.l.], v. 37, n. 2, p. 7, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1428/1121>.

WEBER, L. N. D.; SALVADOR, A. P. V.; BRANDENBURG, O. J. **Programa de Qualidade na Interação Familiar: Manual para Aplicadores**. 2 ed. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

WRIGHT, J.; BASCO, M.; THASE, M. Princípios básicos da terapia cognitivo-comportamental. In: WRIGHT, J.; BASCO, M.; THASE, M. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-32..



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).